

**O SEM-FIM DA INFÂNCIA: MEMÓRIAS E VOZES DAS
TRADIÇÕES CULTURAIS DO SERTÃO DA BAHIA**

*THE ENDLESS CHILDHOOD: MEMORIES AND VOICES OF
THE CULTURAL TRADITIONS OF THE BACKLANDS OF
BAHIA*

*EL INFINITO DE LA INFANCIA: MEMORIAS Y VOCES DE
TRADICIONES ARTÍCULOS CULTURALES DE LA HISTORIA
DE BAHÍA*

Claudia Lessa Alves Sousa¹ ORCID: 0009-0006-1632-5725

Cláudia Rocha Almeida² ORCID: 0009-0003-2919-390X

1 Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Salvador, Bahia, Brasil –
clausousa72@gmail.com

2 Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Salvador, Bahia, Brasil –
claudiarochasantana18@gmail.com

Resumo:

Neste artigo, pretende-se discutir como as memórias transmitidas pelos saberes ancestrais da cultura popular se constituem enquanto espaços de formação/reflexão dos sujeitos em suas experiências individuais e coletivas. A partir de crônicas escritas por Eumara Maciel (2018), presentes no livro *O sem-fim da infância*, busca-se refletir sobre como a escrita de si retoma os elementos da terra do sertão favorecendo a perpetuação das culturas inerentes a esse espaço-tempo. Há também a hipótese de que mesmo sendo produções literárias escritas, as referidas crônicas trazem elementos característicos da literatura de tradição oral, constituindo-se como textos híbridos puros em subjetividades e representativos da memória da cultura popular. A metodologia utilizada é de base qualitativa, por considerar a importância das relações entre os sujeitos e o mundo que lhes cerca e as representações sociais construídas dessa relação. Para o desenvolvimento das

reflexões propostas, conta-se com o auxílio teórico das discussões sobre memória, escrita de si, identidade, cultura popular, oralidade e voz. Assim, é possível à guisa de conclusão perceber que os conhecimentos produzidos pela cultura popular exercem uma função importantíssima na constituição das identidades subjetivas dos sujeitos nela envolvidos, tornando-os ao mesmo tempo autores e coautores desses conhecimentos reproduzidos historicamente que performam a própria experiência, retomando várias vozes das margens que juntas constroem uma identidade coletiva.

Palavras-chave: Memória; Escrita de si; Identidade; Cultura popular; Oralidade.

Abstract:

This article aims to discuss how memories transmitted by ancestral knowledge of popular culture are constituted as spaces for the formation/reflection of subjects in their individual and collective experiences. Based on chronicles written by Eumara Maciel (2018), present in the book *O sem-fim da infância*, the aim is to reflect on how self-writing takes up elements of the land of the backlands, favoring the perpetuation of cultures inherent to this space-time. There is also the hypothesis that, despite being written literary productions, these chronicles bring characteristic elements of oral tradition literature, constituting hybrid texts full of subjectivities and representative of the memory of popular culture. The methodology used is qualitative, considering the importance of the relationships between subjects and the world around them and the social representations constructed from this relationship. The development of the proposed reflections relies on theoretical support from discussions on memory, self-writing, identity, popular culture, orality, and voice. Thus, it is possible to conclude by way of conclusion that the knowledge produced by popular culture plays a very important role in the constitution of the subjective identities of the subjects involved in it, making them at the same time authors and co-authors of this historically reproduced knowledge that performs the experience itself, taking up various voices from the margins that together construct a collective identity.

Keywords: Memory; Self-writing; Identity; Popular culture; Orality.

Resumen:

En este artículo pretendemos discutir cómo las memorias transmitidas por los saberes ancestrales de la cultura popular se constituyen como espacios de formación/reflexión de los sujetos en sus experiencias individuales y colectivas. A partir de crónicas escritas por Eumara Maciel (2018), presentes en el libro *O sem-fim da infância*, buscamos reflexionar sobre cómo la autoescritura retoma los elementos de la tierra del sertão, favoreciendo la perpetuación de las culturas inherentes a este espacio-tiempo. También existe la hipótesis de que si bien se trata de producciones literarias escritas, las crónicas mencionadas aportan elementos propios de la literatura de tradición oral, constituyéndose como textos híbridos preñados de subjetividades y representativos de la memoria de la cultura popular. La metodología utilizada es cualitativa, ya que considera la importancia de las relaciones entre los sujetos y el mundo que los rodea y las representaciones sociales

construídas a partir de esa relación. Para desenvolver las reflexiones propuestas, se brinda apoyo teórico a través de discusiones sobre memoria, autoescritura, identidad, cultura popular, oralidad y voz. Así, es posible concluir que el conocimiento producido por la cultura popular juega un papel muy importante en la constitución de las identidades subjetivas de los sujetos involucrados en ella, convirtiéndolos a la vez en autores y coautores de ese conocimiento históricamente reproducido que representa su propia experiencia, retomando varias voces desde los márgenes que juntas construyen una identidad colectiva.

Palabras clave: Memoria; Autoescritura; Identidad; Cultura popular; Oralidad.

Introdução

Falar de memória na cultura popular parece uma daquelas discussões de cunho inevitavelmente tautológico, se levarmos em consideração que é exatamente através da memória que os ensinamentos da cultura popular são transmitidos de geração a geração, por muitos séculos e em diversas partes do globo. Palavra oriunda do grego, memória vem de Mnemosyne, uma deusa com função memorialística que deu origem a um poço de mesmo nome cuja função era fazer os mortos que dele bebiam relembrares suas vidas passadas. Interessante que existia também o poço de Lethe com a função contrária a do esquecimento.

A memória possui várias vertentes e está presente em diversas áreas do conhecimento. Fala-se em memória histórica, memória social, memória cultural, coletiva etc., como se a categoria conseguisse centrar sua especificidade em cada campo sem perder a sua essência de registro, retrato, recordação de que algo, de fato, aconteceu ou existiu, pelo menos, na memória de quem o guarda.

Pensamos a memória na perspectiva de Jacques Le Goff (1996, p. 410) que a entende como um “um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia”. A memória pode ser também espaço de poder, à medida que algumas lembranças podem ser selecionadas em detrimento de outras que são deixadas ao esquecimento, tudo dependerá do sujeito da experiência (Silva, 2018) que seleciona os fatos mais importantes de sua vida.

Já o termo cultura popular é difícil de ser definido. Inicialmente pelo próprio significado semântico que cada uma das palavras desta noção pode carregar em seus

desdobramentos históricos e sociais, e, sobretudo por incluir diversas manifestações, ritos, musicalidades, superstições, causos, tecnologias de trabalhos, de cura, de conhecimentos e estar diretamente associada à palavra tradição. Arantes (2010) corrobora com essa discussão ao declarar que o conceito de cultura popular é um dos mais complexos para definição, visto que o próprio conceito de cultura é uma categoria de conceituação diversa. O autor afirma ainda que há um grande paradoxo na concepção de cultura popular: por um lado, os folcloristas que a percebem como um “conjunto de objetos, práticas e concepções (sobretudo religiosas e estéticas) consideradas tradicionais”; por outro os pesquisadores “mais sofisticados” que a entendem como um “resquício da cultura culta”. (Arantes, 2010, p. 16).

Semelhante modo, Catenacci (2001) discorre sobre a história da cultura popular no Brasil, analisando o conceito de popular sobre o ponto de vista dos folcloristas e o grupo artístico cepetistas, nos anos 60 e 70, entendendo a tradição e a transformação deste termo como partes complementares desta discussão. Para a autora ambos os grupos supracitados foram responsáveis por perseguir uma ideia de povo e de nação. Em seu trabalho, Catenacci cita Ortiz (1985) quando afirma que até o século XVII a nobreza participava ativamente das celebrações dos grupos subalternos, sendo a distinção entre cultura das elites e cultura do povo algo não muito delimitado, embora, as classes subalternas não participassem das tradições relacionadas às classes mais abastadas. O fato é que a distinção entre cultura popular e cultura culta é algo que se dá ao longo do tempo, criando uma dualidade que atravessa os séculos, relegando à primeira ao folclorismo e a ideia de subalternização.

Vale lembrar que a memória exerce papel primordial na transmissão dos conhecimentos e práticas ancestrais da cultura popular. Sendo assim, ela se torna uma categoria analítica importante para se pensar a identidade de um povo em suas dimensões individuais e coletivas, participando ativamente na constituição das subjetividades construídas a partir destas experiências de vida dos sujeitos.

Deste modo, a metodologia utilizada nesse trabalho é de análise qualitativa, baseada na leitura e interpretação literária, considerando que esta se presta a análise das relações e fenômenos presentes nos contextos sociais diversos da pesquisa científica.

Assim, partindo das leituras de crônicas do livro de Eumara Maciel, *O sem-fim da infância*, pretendemos discutir como as memórias transmitidas pelos saberes ancestrais da cultura popular se constituem enquanto espaços de formação/reflexão dos sujeitos em

suas experiências individuais e coletivas. Além disso, buscamos refletir também sobre como o texto escrito (nas referidas narrativas) aciona vozes que o torna muito próximo das narrativas orais guardiãs e transmissoras em essência das tradições formadoras das culturas populares e das margens, muitas vezes desprestigiadas, exotizadas e/ou invisibilizadas.

Para tanto, utilizaremos como aportes teóricos nesta análise os estudos de Araújo (2015), Catenacci (2010), Delgado (2010), Delory-Momberger (2008), Foucault (2004), Josso (2010), Le Goff (1990), Zumthor (1993;1997).

O papel da memória na cultura popular e a constituição da identidade

Eumara Maciel, em sua obra *O sem-fim da infância*, compõe uma cartografia das memórias mais significativas de seu tempo de menina, junto a uma comunidade do interior da Bahia, o Serra Queixo, povoado de suas origens. Na tentativa de revisitar os espaços de formação que a constituíram enquanto sujeito de experiência (Silva, 2018), a autora narra sua trajetória, trazendo a recordação das vozes ancestrais que a atravessaram, conectando passado, presente e futuro. A escrita literária, nesta perspectiva, assume o papel de uma morada para as lembranças da infância que percebe no sertão não apenas as dores vivenciadas pela seca e a pobreza, a falta da chuva, o sol ardendo impiedoso, mas também a beleza das gentes do povo, suas emoções e processos de resistência tão importantes na constituição de sua identidade.

Recorro à narrativa para falar de um lugar situado no sertão. Cravado no Nordeste brasileiro, no Centro-Norte da Bahia, chamado de povoado de Serra Queixo. É caatinga. É seminário de secas gracilianas: limpíssimo céu atravessado por um sol cintilante até sua queda no Ocidente. Às vezes, campeiam por ali poucas nuvens, que, se colocam numa engenhosa, não dão um litro de água.

[...] Todavia, não é só dessa geografia de tradições e rupturas que é feita a minha infância naquele lugar. Traço um mapa das gentes, das margens e das emoções que trago na escrita como modo particular de voltar lá. De rever o povo. De reviver o que não é mais tangível (Maciel, 2018, p. 17).

Assim, a autora em sua crônica “Cartografias da infância: um ser tão criança” rememora os lugares de sua infância através das narrativas de si como possibilidade de retomada de experiências e origens que conduzem ao reviver de emoções, de rever seus iguais na medida que vai acionando a memória narrativa e descrevendo os lugares e

personagens centrais no enredo que compõem essa experiência. A localização espacial situa a região, a vegetação, o clima semiárido do sertão e todos os elementos que compõem o lugar, mas ao mesmo tempo, escapa às emoções das tradições, das pessoas que se tornam agentes complexos e atuantes frentes à formação subjetiva das identidades ali apresentadas. O *sertão* incorpora-se ao *ser tã*o criança de Eumara (Maciel, 2018) que ao narrar sua história de vida, revisita os lugares, as gentes do lugar, transformando essa experiência num espaço de formação/reflexão de si mesma.

Josso (2010), em seu livro *Experiências de vida e formação*, esclarece-nos que os estudos da chamada pesquisa (auto) biográfica no qual a identidade social e histórica de vida se relacionam, inicia-se na década de 1980 e partem do princípio de que as histórias de vida nas suas mais variadas formas de apresentação: diários, relatos, fotos, biografias, autobiografias, memoriais, entrevistas etc. configuram-se como objetos de investigação de grande importância no mundo contemporâneo. Tais estudos possibilitam um processo de formação/reflexão dos sujeitos que narram ao elaborar essa experiência. Sendo Paulo Freire, dentre outros autores, um dos aportes teóricos desse campo com seus estudos sobre a abordagem formativa do sujeito.

Colaborando com esse campo de pesquisa, Delory-Momberger (2008, p. 56) descreve que a “narração é o lugar no qual o indivíduo toma forma, no qual ele elabora e experimenta a história de sua vida”. Para a autora, ao narrar, o sujeito dá forma à existência, recria sua trajetória escolhendo os momentos mais significativos de sua formação. As histórias possuem essa capacidade de apreensão do vivido, sejam elas orais sejam escritas. Narrar a própria história é prática de autoconhecimento e formação/reflexão da trajetória vivida, sendo uma elaboração que se insere no presente, remonta a um passado e se projeta para o futuro. Nas narrativas de si, os sujeitos tornam-se os próprios personagens de suas histórias. Ao contar os fatos que considera mais relevantes da sua vida, refletem sobre o processo e se percebem enquanto sujeitos sociais em contato permanente com o outro e por ele também sendo formados.

Fecho os olhos e vejo, ainda, os canteiros suspensos de coentro na casa de tia Jaci. O colorido do São Gonçalo dançado no terreiro da casa de dona Nêga. A fila quilométrica para encher os baldes no chafariz. Crianças embonecadas depois do banho das seis horas da tarde. O arado assentado na frente da casa de Tio Dilton e Tia Creuza. As flores vibrantemente amarelas que enfeitam a frente da casa de Tio Adailton (Maciel, 2018, p. 18).

Ao cartografar a vida cotidiana dos espaços e dos sujeitos do povoado (no excerto acima da crônica “Cartografias da infância: um ser tão criança”), a autora revive a experiência. Através da escrita, num jogo de imagens representativas, ela parece caminhar pelo espaço e rever, naquele exato momento, os coloridos e as belezas simples das casas, dos terrenos, das fachadas, os costumes da comunidade como a busca por água para resolver as coisas do dia a dia, o banho das crianças sempre às seis horas da tarde. Maciel (2018), através dessas escritas de si, conduz-nos a um lugar de enunciação representativo do sertão brasileiro composto por uma realidade dura e, ao mesmo tempo, constitutiva de uma comunidade que apresenta, na sua tradição, costumes simbólicos que vão construindo universos de representações sociais dos sujeitos e dos lugares. Essa apropriação de si por meio de histórias e de figurações que são criadas no momento da escrita narrativa são escolhas feitas pelo enunciador para descrever o momento vivido, sobre isso Delory-Momberger acrescenta que:

[...] os homens recorrem a palavra e imagens que transpõem para uma representação espacial o desenvolvimento temporal de sua existência: *linha, fio, caminho, trajeto, percurso, círculo, carreira, ciclo da vida*. O homem escreve no espaço a figura de sua vida (Delory-Momberger, 2008, p. 35).

As palavras e imagens são instrumentos escolhidos para transmitir aos outros a experiência vivida, elas são possibilidades de descrição da existência proporcionadas pela enunciação subjetiva do eu. Há muito tempo que as escritas de si elaboram a noção de sujeito, desde a Antiguidade Clássica, sendo uma das tradições mais antigas do ocidente e possuíam um caráter simbólico na formação da subjetividade. Foucault (2004) inicia os estudos das narrativas de si que datam dos séculos I e II a.C da cultura greco-romana.

Nesses estudos, o autor apresenta duas artes dos cuidados de si existentes neste período os *Hupomnematas* e as *correspondências*. Ambos eram instrumentos de reflexão sobre si que podiam auxiliar o sujeito a se pensar na relação com o outro, já que o exercício dos “cuidados de si” permite a busca pelo autoconhecimento e neste entendimento de si é possível o entendimento do outro social. E é exatamente neste processo que o sujeito se percebe como parte que forma uma coletividade e por ela é formada. Através da linguagem, as palavras, imagens vão performando a ideia de subjetividade. Além disso, os sons também podem atravessar as fronteiras da memória. Maciel (2018), como num transe de recordação, aciona a memória auditiva para conseguir rememorar as vozes de sua infância:

O sem-fim da infância: memórias e vozes das tradições culturais do sertão da Bahia

Claudia Lessa Alves Sousa • Cláudia Rocha Almeida

Preparo os ouvidos e ouço... Um aboio de longe, riscando a linha divisória do Mandacaru. [...] A reza desquebrantadeira de dona Maria a baloiçar os galhos da arruda. [...] o toctoc do pisar de milho no pilão de tia Carmelita. [...]

Ouçó! O canto das mães às dezoito horas, postadas na porta de casa, como sabiás, entoando nossos nomes, deixando ecoar na rua a última letra: “Ô, Eumaraaaaaaa”. Chamava-nos para o ninho; fim do voo diário (Maciel, 2018, p. 18).

A autora se refere aos sons de sua infância como elementos constitutivos da identidade individual e coletiva. Os aboios (cantos dos vaqueiros para conduzir o gado), atravessando o Mandacaru, as rezas de dona Maria para curar gente, o canto das mães ao anunciar o fim do dia e das brincadeiras para as crianças retornarem para casa. Todas as ações discorrem sobre os sons da vida pulsando no cotidiano da caatinga, terra de costumes enraizados no sertão, essa tomada de consciência de si e de suas aprendizagens é uma possibilidade do sujeito de experiência (Silva, 2018) pensar sobre os modos como é formada a sua subjetividade em contato com a sua comunidade e todas as pessoas que atravessam a sua trajetória individual. É a reflexão sobre si, sobre o outro, sobre os processos de constituição de si sendo elaborados, construídos, experimentados e revividos quando escreve sua própria história de vida.

Tais proposições são importantes para se pensar a memória como elemento importante na transmissão da cultura popular e na formação da identidade da comunidade. Sobre isso, os estudos aqui apresentados corroboram com a pesquisa de Araújo (2015), *Na cadência das águas do Velho Chico: poética oral do samba de roda ribeirinho* que ao investigar a poética oral do samba de roda das comunidades ribeirinhas de Xique-Xique, no Rio São Francisco, sinaliza que determinados elementos da cultura desses “[...] fazem parte da memória do lugar, da sua gente, e que contribui para que esta manifestação poética seja considerada como um espaço de memória, de representação de identidades [...]” (Araújo, 2015, p. 78). Para o autor, a comunidade estudada está em estado perene de autoconstrução identitária e suas identidades constituem-se através da interação com o meio, espaço onde vivem, seus sujeitos se reinventam para conseguirem manter viva a tradição do seu povo.

As memórias produzidas pelos grupos de comunidades do sertão, tanto as orais quanto as escritas, individuais ou coletivas, se direcionam na dinâmica dos lugares e territórios aos quais fazem parte. Maciel (2018) e Araújo (2015) retomam discursos identitários de natureza individual e coletiva advindos da cultura popular, suas origens

naturais, para pensar a constituição da identidade dos grupos nelas envolvidos e nas suas próprias. Vale lembrar que, a noção de identidade aqui desenvolvida tem por base os estudos de Stuart Hall que discute identidade a partir de seus deslocamentos e em constantes transformações no mundo contemporâneo, sobre isso Hall (2000) destaca que a identidade é:

[...] o ponto de encontro, o ponto de sutura, entre, por um lado, os discursos e as práticas que tentam nos ‘interpelar’, nos falar ou nos convocar para que assumamos nossos lugares como os sujeitos sociais de discursos particulares e, por outro lado, os processos que produzem subjetividades que nos constroem como sujeitos aos quais se pode ‘falar’” (Hall, 2000, p.111-112).

Para Hall (2000, p. 24) “a identidade é realmente algo formada ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento”. Assim, todos os processos que vivenciamos são caminhos e percursos que conduzirão à formação das nossas identidades a cada momento que utilizamos a memória das escritas de si como pressuposto para pensarmos enquanto sujeitos sociais, estamos performando nossas identidades individuais em entrelaçamento com as coletivas que compõem a comunidades que nos formaram e formam no momento em que (re)construímos nossas histórias de vida e nos (re)constituímos enquanto sujeitos no espaço-tempo dessa enunciação.

Ao selecionar esses fatos, Maciel (2018) aciona também, os ensinamentos ancestrais da cultura popular presentes em sua comunidade, relacionados os usos das plantas com fins medicinais para curar os males das mais diversas origens. Prática milenar comum em diversos povos ao redor do mundo e bastante empregada aqui no Brasil pelos povos originários há mais de 12 mil anos. Na crônica “Os bulários da caatinga”, a autora utiliza da memória narrativa para lembrar e descrever os principais conhecimentos de seu povoado para aliviar os males e aflições presentes na comunidade. Dos males físicos aos espirituais, as plantas possuíam e possuem esta capacidade de resolver os problemas e curar as gentes do lugar, sendo um dos principais responsáveis pela saúde da comunidade.

Existem diversas maneiras de remediar os males humanos. Algumas são relacionadas aos usos e aos sentidos das plantas medicinais, que curam e aliviam doenças, sintomas, desconfortos, mesmo os de origem incognoscível. E, a essa medicina transmitida pela oralidade, devo a saúde dos dias da infância.

[...]

Indicava-se para gripes e resfriados: o capim-santo para baixar a febre-do-banho-de-chuva; o chá de hortelã miúdo para descongestionar as ventas; o malvão com mel de oropa para fazer o xarope de expectoração daqueles catarros ancestrais; o matruz com leite para fortalecer o corpo enfermo [...] (Maciel, 2018, p. 47 e 49).

Nos povoados mais vulneráveis, onde os remédios representam custos muito altos para se bancar, as plantas socorrem nas suas mais variadas versões: “na caatinga, o todo pode ser tratado” (p. 47). Das folhas às raízes, tudo pode ser aproveitado como ferramenta medicinal e curativa dos males e aflições da vida sertaneja.

Delgado (2006, p. 38), nos diz que “memória é base construtora de identidades e solidificadoras de consciências individuais e coletivas”, ela é base para o autoconhecimento, uma reflexão da experiência individual, relacionando-a com a coletividade. Esta memória ancestral medicinal atravessa gerações de famílias inteiras que continuam perpetuando seus ensinamentos e usos aos filhos e netos por gerações, tanto de forma oral quanto de forma escrita. Assim essas narrativas de si e da coletividade se atravessam, produzem subjetividades, são pressupostos para formação/reflexão de si e do outro nas diversas situações de alteridade e de conhecimento. Considerar as escritas de si, a memória narrativa das histórias de vida, os valores e costumes da cultura popular como elementos constitutivos da identidade possibilita uma reinvenção do sujeito enquanto ser social que atua e reflete sobre sua própria formação.

Um das questões mais significativas da memória narrativa nas histórias de vida são as das pessoas que mais marcaram a trajetória do sujeito que viveu a experiência formadora. Josso (2010, p. 37) chama esta lembrança de recordação-referência, ou seja, memórias “simbólicas do que o autor compreende como elementos constitutivos de sua formação”. São momentos, fatos vividos, pessoas importantes que servem de orientação para os caminhos presentes e futuros de quem narra e vivenciou a experiência. Nas narrativas de *O sem-fim da infância*, várias passagens podem ser consideradas recordações-referências, mas duas delas são de uma construção subjetiva tão marcante que emocionam as leitoras/os leitores da obra pela delicadeza da linguagem e pela força das palavras que tentam traduzir a emoção da lembrança revivida pela autora ao falar sobre duas personagens marcantes de sua infância nas crônicas: “Memórias de água e sabão” e “Um vô que não via”.

O sem-fim da infância: memórias e vozes das tradições culturais do sertão da Bahia

Claudia Lessa Alves Sousa • Cláudia Rocha Almeida

A autora, no presente, ao preparar suas roupas para serem postas na máquina de lavar, levanta a cabeça, aciona a memória e lembra-se de Dona Côca, mulher forte do sertão nordestino que prestava serviço de lavadeira de roupas duas vezes no mês enquanto sua mãe trabalhava fora. A narradora conta-nos que, todas as vezes que Dona Côca se dirigia à casa para lavar as roupas da família, ela se juntava no tanque para lavar as suas também, só para ouvir as histórias daquela lavadeira.

Sua face tinha expressão marcada pelo tempo, que parece não ter sido fácil. Sua pele era clara, respingada pelos efeitos do sol. Em suas mãos, havia mapas por onde percorriam águas ensaboadas até seus punhos habituados ao esfregão. Em sua boca, vociferação de inusitados enredos da vida no sertão, de como era difícil sobreviver à seca, de como estava infértil a vida do agricultor, de como criar tantos filhos, de como viver a sua maneira: uma narradora benjaminiana (Maciel, 2018, p. 30).

A crônica é repleta de singularidade e subjetividade. A autora rememora as partes mais significativas de sua infância e traz uma personagem real ao descreve detalhadamente Dona Côca: mulher do sertão nordestino, agricultora, lavadeira, matriarca, contadora de histórias de vida que conseguia tornar um momento de trabalho, uma fábrica de letramentos para a criança Eumara, desejosa de conhecimentos ancestrais, singelos, reais, presentes no seu povoado. Dona Côca representa uma recordação-referência importante na vida da menina Eumara que sofre ao relembrar as ausências após a chegada do tanquinho elétrico, ferramenta tecnológica que afasta a lavadeira de seus serviços e da transmissão de saberes importantíssimos para a narradora – agora adulta – para se entender os espaços e territórios de pertencimento que estava inserida no lugar. De modo semelhante, na crônica “Um vô que não via”, a recordação-referência se apresenta muito marcante para a autora:

Só tenho lembrança de vô Mário na sua condição de cegueira. Ouvei histórias de que havia feito cirurgias, mas de nada havia adiantado, pois, segundo os relatos, ele não fez o resguardo e continuou sem enxergar. [...]

Apesar de não enxergar, eu cresci não o ouvindo reclamar do fato de estar cego. [...]

Vô gostava de gastar as horas contando-nos causos de livusia; morríamos de medo, mas pulsávamos de curiosidade (Maciel, 2018, p. 37-38).

As memórias de seu avô cego, longe de se tornar uma história triste se apresenta como uma recordação formadora que atravessa o tempo e a orienta para se pensar as

questões do presente. A autora, na crônica, traz-nos uma memória afetuosa, amorosa e repleta de significados que traduzem em resistência e resiliência diante dos percalços da vida. Seu avô não reclama de sua condição, apesar de se incomodar “*por não poder estar na roça capinando a terra vermelha*” (Maciel, 2018, p. 37), solicitava que o levassem até a lavoura para se sentir mais próximo da terra e da vida do arado. Sua lembrança remonta a força e resistência típica do homem do campo, suas lutas e dificuldades, sem se render as aflições do presente, vive de contar suas histórias de assombração e brincar com os netos em sua mais plena infância.

As memórias aqui apresentadas da obra *O sem-fim da infância*, de Eumara Maciel, vividos em seu povoado do Serra Queixo, no sertão nordestino, representam espaços de formação/reflexão de si, enquanto sujeito de experiência (Silva, 2018) que traduz a sua história de vida como processo de autoconhecimento e constituição identitária. As lembranças da narradora são atravessadas pelos espaços e territórios de formação da cultura popular, sua gente, seus costumes, hábitos e tradições ancestrais transmitidos oralmente às futuras gerações, mas também se tornam escritas de si e do outro que, no processo de reviver a experiência, reelaboram o vivido e transformam-no em uma reinvenção para o futuro.

Considerar as histórias de vida, as escritas de si dos sujeitos sociais, das comunidades e grupos que compõem a nossa cultura popular são ferramentas importantíssimas para que possamos pensar quem somos e como podemos ser melhores no contato e na vivência com o outro social. A memória pode nos levar a “*um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas*” (Le Goff, 1996).

As vozes das bordas na escritura

Seguindo com a nossa pretensão em promover uma discussão sobre os excertos (crônicas) de *O sem-fim da infância* (Maciel, 2018), sem nos deter nas especificidades estritamente tradicionais da literatura, buscamos compreendê-los, lendo-os como artefato da memória da cultura popular do sertão, da caatinga (manga, nas palavras-lembranças da autora) e, por isso, representativo das subjetividades que constituem e sustentam a coletividade e o imaginário formador dessa paisagem cujo espaço-tempo é “um processo em eterno curso e em permanente devir” (Delgado, 2010). Devir que ultrapassa o escrito,

O sem-fim da infância: memórias e vozes das tradições culturais do sertão da Bahia

Claudia Lessa Alves Sousa • Cláudia Rocha Almeida

acionando a necessidade de quem lê, mesmo que, em exercício de rememoração fictícia (porque nunca viveu no sertão), de ouvir a(s) voz(es) que diz(em) de territorialidades integrantes das memórias registradas na referida obra, especificamente na crônica “Cartografias da infância: um ser tão criança”:

“Todavia, não é só dessa geografia de tradições e rupturas que é feita minha infância naquele lugar. Traço um mapa das gentes, das imagens e das emoções que trago na escrita como meu modo particular de voltar lá. De rever o povo. De reviver o que não é mais tangível (Maciel, 2018, p. 18).

O rememorar “dessa geografia de tradições” define-se através da voz que narra o escrito outrora oral e performado em vida, cujo tempo é aliado porque que modifica e reafirma os significados do vivido e do que se representa individual e coletivamente sobre o passado, além de estabelecer a vivência em pluralidade, já que, ao conferir a singularidade de cada experiência concreta da existência humana, permite o entrecruzamento de tempos múltiplos (Delgado, 2010). A multiplicidade de tempos provoca o deslocamento necessário para que compreendamos o narrado e se estabeleça com ele um processo dialógico fomentador de significados e sentidos.

Para Zumthor (1997), a oralidade “põe em funcionamento tudo que em nós se destina ao outro, mesmo o gesto mudo” (p.95) e ainda que a escrita esteja presentificada nas narrativas cartográficas de Eumara Maciel, é o oral que é possível “escutar” quando da leitura dos textos ricos em imagens e é dentro dessa perspectiva que a interação com a leitora/o leitor é estabelecido:

“Sempre elegante; ora ele era cego, mas os outros não! Vestia-se com roupas sociais, carregava um fino pente na algibeira, um lenço no bolso da calça impecavelmente engomada, denunciada pelo vinco forte que a marcava. Ele anda apoiando sua sábia existência na bengala de cabo de vassoura para desviar-se dos obstáculos (Maciel, 2018, p. 38).

No excerto acima da crônica “Um vô que não via”, vemos a riqueza de imagens cartograficamente constituídas e as inserções de voz da narradora trazendo esclarecimentos, informações ou mesmo em tom de confissão que são comuns nas histórias que compõem a obra. Voz e vozes portadoras de um conteúdo identitário acionado pelo “dizer-contar” de um passado que se torna presente: movimento fundamental de atualização em que o texto é uma espécie de mantenedor da memória e executor do esquecimento (Ferreira, 1994/95) e esse imbricamento assegura a

preservação das tradições de uma comunidade, neste caso, a população do povoado do Serra Queixo, centro-norte da Bahia, sertão nordestino:

Mesmo não sendo na cena paranaense à qual Miguel Sanches Neto se refere, tenho lembrança da chuva da minha infância. Quando criança, lembro de que, embora não fosse algo comum, havia um cerimonial, lá na Serra do Queixo, com a chegada da chuva. Os mais velhos, as formigas, os escorpiões sabiam ler os sinais da chuva, fosse ela um apaga-pó ou um toró. Então se tivessem: relâmpagos ao Norte, vento varrendo a folhas no chão, algaroba resinando, mandacaru em flor, formigas em retirada linear, escorpiões enfeitando as paredes, cheiro longínquo de terra molhada e a infalível dor no joelho dos velhos... preparávamos para um período chuvoso (Maciel, 2018, p. 25).

As crônicas da obra, geralmente em primeira pessoa, reforçam o lugar de sujeito de experiência (Silva, 2018) da narradora que se faz presente porque traz no seu relatar costumes, vocábulos, paisagens também constituintes de outras obras literárias, mas, neste caso, com tanta lucidez e legitimação que é quase possível a quem lê transportar-se para a infância dela em uma realidade distante do determinado hegemonicamente como universal.

O universal das crônicas da obra citada desmonta as práticas representacionais guiadas pela estereotipagem, espetacularização do outro e afixação de um único significado (Hall, 2000), dando lugar a textualidades representacionais de identidades diversas dentro de um coletivo, constitutivo das tradições culturais das margens.

E ainda porque, através de sua voz direcionada à leitora/ao leitor, determina o lugar de quem viveu e ainda vive as experiências da sua infância onde o espaço para o verossímil é apenas passível de ser habitado pela leitora/pelo leitor que recria cartograficamente toda a paisagem geográfica, social, cultural, sentimental, como na crônica “Um almoço de domingo chamado panelada”: “Percebam que tínhamos muito a fazer. Percorríamos a trilha com mais carrinhos de mão, transportando água, fósforo, panelas, facas, colheres, conchas, tábua de carne, esteira e rede.” (Maciel, 2018, p. 55).

A narradora “fala”, interpela seu leitor e sua voz reverbera como presença necessária para estabelecer a dialogia inerente entre o texto e sua leitora/ouvinte e seu leitor/ouvinte: “Tu quer ver coisa é também a erva-cidreira: acalma por um dia e uma noite” ou “Uma amarelinha traçada aqui na calçada de casa quase me fez dar meus curtos saltos, intercalando um pé, dois pés, Céu! Veja... um céu no chão desenhado por um risco

descompassado de giz”. – trechos das crônicas “Bulários da caatinga” e “O sem-fim da infância”, respectivamente – (Maciel, 2018, p. 50 e 73).

Zumthor (1997) credita à voz a capacidade de cristalizar um laço social e, no caso da obra referida, possibilita também uma aproximação, típica em conversas com pessoas que compartilham de certa intimidade e de conhecimentos comuns. Há, nesta intimidade, a presença da voz em virtualidade, um reforço à valoração das tradições culturais da infância na caatinga através da oralidade retomada a partir do escrito.

A oralidade que se registra no escrito, que interfere no grafocentrismo, apreende de volta todo o poder que põe em funcionamento o que se destina ao outro (Zumthor, 1997), porque a voz é um recurso para se trazer a memória de identidades plurais que coexistem no que Ferreira (2010, p. 8) conceitua como cultura das bordas: “aquilo que fica numa faixa de transição entre uns e outros, entre as culturas tradicionais reconhecidas como folclore e a daquelas que detêm maior atualização e prestígio”. As crônicas de *O sem-fim da infância* resgatam histórias de um viver incorporando à voz da autora outras vozes que endossam memórias coletivas e, por isso, mantenedoras das tradições e construtoras de identidades culturais (Araújo, 2021), por ora considerados das bordas/margens.

Esse movimento revelador de pertencimento e representatividade de outros modos, éticas e estéticas da nossa cultura é conclamado pela autora, reafirmando o seu lugar as vozes de sujeitos que a constituíram e ainda a constituem com seu narrar. A crônica “Um canto para a lua, mil contos de um homem lobo” exemplifica bem essa decisão:

Passamos a infância fascinados e temendo uma aparição do homem que se tornava lobo. Na boca dos mais velhos, a criatura tinha tal sina por ter sido amaldiçoada pela mãe. E o mais instigante: sabíamos bem quem se transformava na temida besta. [...] depois de tantos anos que saí de lá e de conviver com urbanidades, não sabia se ele ainda aparecia, então liguei para mainha para perguntar. Recebi confirmação veementemente, pois vários fulanos o viram recentemente e alguns sicranos até passaram mal depois de uma visagem do licantropo (Maciel, 2018, p. 33-34).

Nesta crônica, cujo conteúdo versa em torno do mito do lobisomem, a oralidade vem como forma de resistência de corpos em textualidades reverenciadoras das culturas das bordas, muitas vezes folclorizadas e destituídas de valor. Ainda que registrada por

escrito, a fala representa a força criadora em constante deslocamento de vaivém promovendo neste fluxo ritmado a vida, a ação (Hampaté Bâ, 2010).

Retomadas em narrativas prenes em palavras-lembranças e recordações-referências, as existências evocadas em *O sem-fim da infância* (Maciel, 2018) constituem essa literatura que é potência de desenvolvimento e legitimação de nosso corpo simbólico e que se põe como referente de valoração das tradições culturais para além do centro hegemônico, aqui presentificadas em rememorações narradas e possibilitadoras de reinvenções as quais garantem a permanência e existência das nossas culturas.

Considerações Finais

A literatura entendida como possibilidade de agenciamento político, social, cultural e afetivo constitui-se como esse movimento humano de criar, reinventar, rememorar histórias de si que, em primeira instância, parecem dar conta do individual, para em seguida, na dialogia inerente à sua existência, passar a representar coletividades e suas tradições culturais. Assim é *O sem-fim da infância*, escrito por Eumara Maciel.

As reflexões empreendidas neste artigo buscaram, a partir das crônicas que compõem a obra citada, compreender como as memórias transmitidas pelos saberes ancestrais da cultura popular se constituem enquanto espaços de formação/reflexão dos sujeitos em suas experiências individuais e coletivas.

Também intentamos discutir como, nos textos, o rememorar de si presentifica vozes que estiveram e ainda estão presentes na constituição das tradições culturais que sustentam esses espaços de formação/reflexão. Essas vozes evocadas acionam todo o potencial da oralidade que, por ser basilar na constituição e manutenção das nossas culturas, permeia todo o discurso literário escrito da obra.

Nas palavras de Deleuze (2013, p.180), “escreve-se sempre para dar a vida, para libertar a vida aí onde ela está aprisionada, para traçar linhas de fuga” e, ao fazer esse percurso cartográfico da vida cotidiana durante sua infância no Serra Queixo, Maciel (2018) traça rotas que a conduzem ao encontro com a sua subjetividade e com as subjetividades fundantes das tradições culturais populares formadoras de sua existência.

A autora parece ter essa consciência, por isso, resgata as vozes que dizem-contam dos lugares de suas memórias endossando valoração às experiências formativas de sua infância. Essas presenças-lembranças da oralidade de suas tradições registradas

graficamente em suas crônicas encaminham-nos para reflexões acerca da permanência da oralidade e das narrativas de si como constituidoras e mantenedoras das bases da nossa cultura popular.

Referências

ARANTES, Antonio Augusto. **O que é cultura popular**. 8. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981 (Col. Primeiros Passos 36).

ARAÚJO, Nerivaldo Alves. **Na cadência das águas do Velho Chico**: Poética oral do Samba de Roda de Ribeirinho. 2015. 223 f. Tese. (Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura – PPGLitCult). Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/handle/ri/22073>>. Acesso em 10/12/23.

ARAÚJO, Nerivaldo Alves. **O Velho Chico e suas bordas culturais**: as vozes poéticas da canoa Sidó e outras personagens fantásticas do rio São Francisco no filme *Espelho d'água*. *Anuário de Literatura*. v. 26, p. 01-13, Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 2021.

CATENACCI, Vivian. **Cultura popular**: entre a tradição e a transformação. *São Paulo Em Perspectiva*. Volume 15, Número 2, 2001.

DELEUZE, Gilles. **Conversações (1972-1990)**. Tradução de Peter PálPelbart. 3.ed. São Paulo: Ed. 34, 2013.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História oral**: Memória, tempo, identidades. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **Biografia e Educação**: figuras do indivíduo-projeto. Trad. Maria da Conceição Passeggi; João Gomes da Silva Neto; Luis Passeggi. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.

FERREIRA, Jerusa Pires. **Cultura é memória**. *REVISTA USP*, São Paulo (24): 114-120. Dezembro/fevereiro, 1994/95.

FERREIRA, Jerusa Pires. **Cultura das bordas**: edição, comunicação, leitura. Cotia, São Paulo: Ateliê Editorial, 2010.

FOUCAULT, Michel. **A escrita de si**. In: *O que é um autor?*. Lisboa: Passagens. 2004. p. 129- 160.

HALL, Stuart. **Quem precisa da identidade?** In: WOODWARD, Kathryn; SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 103-131.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

O sem-fim da infância: memórias e vozes das tradições culturais do sertão da Bahia

Claudia Lessa Alves Sousa • Cláudia Rocha Almeida

JOSSO, Marie-Christine. **A experiência de vida e formação**. Trad. José Claudio; Júlia Ferreira; revisão científica Maria da Conceição Passeggi. 2ª. ed. rev.eampl. Natal: EDFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

LE Goff, Jacquess. **História e memória**/ Jacquess Le Goff; tradução Bernado Leitão... [et al] – Campinas, SP Editora da UNUCAMP, 1996. (Coleção Repertórios)

MACIEL, Eumara. **O sem-fim da infância**. Guaratinguetá, São Paulo: Penalux, 2018.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. 4. reimpressão da 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 2003.

SILVA, Jorge Augusto. **Contemporaneidades periféricas**. Salvador: Editora Segundo Selo, 2018.

ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz: A "Literatura" Medieval**. Tradução Amálio Pinheiro, Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

ZUMTHOR, Paul. **Presença da voz: cinco entrevistas com André Beauded para a Rádio Canadá**. In: _____. *Introdução à poesia oral*. Tradução Jerusa Pires Ferreira, Maria Lúcia Diniz Pochat e Maria Inês de Almeida. São Paulo: Hucitec, 1997.

Informações dos autores

Claudia Lessa Alves Sousa. Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens da Universidade do Estado da Bahia, professora de Língua Portuguesa em instituições da rede básica de ensino público municipal e estadual em Salvador, Bahia.

Contribuição de autoria: autora.

URL do Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9733017907007609>

Claudia Rocha Almeida. Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens da Universidade do Estado da Bahia, Integrante do grupo de pesquisa GUPEMA - Mídiaativismo Negro em Cena, professora de Língua Portuguesa em instituições da rede básica de ensino público estadual e municipal de Lauro de Freitas, Bahia.

Contribuição de autoria: coautora.

URL do Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2078431708025494>

COMO CITAR ESTE ARTIGO

SOUSA, Claudia Lessa Alves; ALMEIDA, Cláudia Rocha. O sem-fim da infância: memórias e vozes das tradições culturais do sertão da Bahia. **Perspectivas e Diálogos**: Revista de História Social e Práticas de Ensino, Caetité, vol. 7, n. 14, 2024, p. 30-47.